



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA / UNIVERSIDADE ABERTA DO  
BRASIL  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS**

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

**GIZELLE COUTO DOS SANTOS**

**ALTO PARAÍSO  
JULHO 2013**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA / UNIVERSIDADE ABERTA DO  
BRASIL  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS

PRECONCEITO LINGUÍSTICO

GIZELLE COUTO DOS SANTOS

Trabalho apresentado como parte das exigências da disciplina Diversificadas 7 da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília para obtenção do título de Licenciado em Letras/Português.

Orientadores:

**(Marcia Elizabeth Bortone)**

**(Priscila Alessandra da Silva)**

ALTO PARAÍSO  
JULHO/ 2013

## TERMO DE APROVAÇÃO

Gizelle Couto Dos Santos

### Preconceito linguístico

Banca examinadora do trabalho de conclusão de curso apresentado a

#### **Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília**

como requisito parcial para obtenção  
do título de Licenciado em Letras/Português.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Nome Completo  
Titulação

---

Nome Completo  
Titulação

---

Nome Completo  
Titulação

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus,  
por esta sempre iluminando os meus caminhos nesta jornada;

Aos meus pais, irmãs, namorado, e filho

Pelo apoio moral e os sermões diários;

A todos meus amigos,

pela força, que sempre manteve firme;

Aos meus colegas de Faculdades,

pela luta constante e as alegrias proporcionadas nesta caminhada;

e aos tutores que foram de suma importância nessa caminhada

Dedico este trabalho a Deus nosso pai e criador, a minha família, aos meus amigos, a meu filho, e a meu filho que me deram muita força para seguir nessa caminhada e aos colaboradores educacionais com apoio para realização do mesmo.

Educar é andar por um caminho desconhecido, e ao mesmo tempo construí-lo. (Autor Desconhecido)

## RESUMO

O Brasil um país de todas as cores e todas as raças, de uma grande diversidade e não poderia ser diferente com a língua, que abrange uma construção social muito extenso, desde o núcleo familiar à vivência social, mas essa diversidade é motivo de preconceito, que se alimenta todos os dias, nas escolas, nos meio de comunicação, e em toda sociedade, que ensina o que é certo e o que é errado, criado vários mitos em torno da língua. Segundo Bagno, o preconceito linguístico precisa ser reconhecido, denunciado e combatido, porque é uma das formas mais sutis e perversas de exclusão social.

Palavras-chave: problema social, linguagem, cultura, respeito.

**ABSTRACT:** Brazil is a country of all colors and all races, a wide range and could not be different with the language, covering a context of social construction very extensive, since the nuclear family to the social life, but this diversity is a source of prejudice, which feeds every day, in schools, media, and all society, which teaches what is right and what is wrong, created several myths surrounding language. According Bagno, prejudice linguistic linguistic bias needs to be recognized, denounced and fought, because it is one of the most subtle and perverse social exclusion.

Keywords: social problem, language, culture, respect.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>10</b>
1.1-preconceito linguístico.....	10
<b>2 – A PESQUISA.....</b>	<b>14</b>
2.1.–Metodologia.....	14
<b>3. O TRATAMENTO DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO.....</b>	<b>15</b>
3.1ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	15
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>20</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>22</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi motivada pelo constante preconceito linguístico sofrido por mim e pelos meus familiares oriundos da zona rural. Tal situação é muito presente em todo Brasil, na cidade de Cavalcante não é diferente. A pessoa que passa por tal preconceito sofre muito e se isola. Daí a necessidade de pesquisas que ampliem o conhecimento das pessoas, principalmente no meio escolar, para que tal situação seja amenizada e não alimentada como de costume.

Para esse artigo científico, foram realizadas duas pesquisas, uma bibliográfica e outra de campo. A primeira baseia-se em autores como MARCOS BAGNO (1999 e 2004), BORTONI RICARDO (2004) e WERNECK (2010) e a segunda tiveram como sujeitos 10(dez) alunos do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim.

A pesquisa está estruturada na apresentação de três capítulos. O primeiro capítulo discute os conceitos relacionados ao preconceito linguístico e variação linguística. O segundo apresenta a metodologia de pesquisa e o terceiro e último capítulo apresenta a análise dos dados revelados pela pesquisa, como já citado foi feita, através de questionários direcionados aos alunos do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim no Município de Cavalcante GO.

## 1- REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A língua abrange uma construção social muito extensa, desde o núcleo familiar a vivência social do cidadão, dando-os conhecimentos da mesma, ao mesmo tempo surgindo os conceitos irreais e reais da “unidade linguística do Brasil” que provoca a discriminação linguística, este ato pode ser observado desde momento em que a criança inicia a sua vida escolar, os colégios adotam um ensino da língua padrão, como se fosse a única língua a ser falada. Veja o que Bagno fala a esse respeito:

... “tratar da língua é tratar de um tema político”. Explica: “Só existe língua se houver seres humanos que a falem”. O homem é um animal político (Aristóteles), portanto, a linguística é uma atividade científica essencialmente politizada. E é exatamente isso, politizar a linguística, o que vem fazendo o escritor. MARCOS BAGNO (1999 P. 12)

Todas as variações servem igualmente para a comunicação entre os falantes que deve ser respeitado por todos. Bagno (1999 p. 15) explica que o brasileiro tem dificuldade em utilizar a língua padrão, porque não faz parte da sua realidade, e não temos professores preparados para lidar com essa situação. BORTONI RICARDO nos mostra em sua obra “Educação em língua materna, a Sociolinguística em sala de aula” que:

Até hoje, os professores não sabem muito bem como agir diante dos chamados “erros de português”. Estamos colocando a expressão “erro de português” entre aspas porque a consideramos inadequada e preconceituosa. Erros de português são simplesmente *diferenças* entre variedades da língua. BORTONI RICARDO (2004 p.36).

Partindo das colocações de Bagno (1999) e de Bortoni (2004) percebemos que nesse sentido cabe o professor orientar os alunos que não existe certo ou errado na língua, e sim contexto, onde cada contexto exige uma forma de expressão, que deve ser respeitada a fala original do seu falante. A autora BORTONI RICARDO nos diz que:

...o falante não só aplica as regras para obter sentenças bem formadas, mas também faz uso de normas de adequação definidas em sua cultura. São essas normas que lhe dizem quando e como monitorar seu estilo. Em situações que exijam mais formalidade, porque está diante de um interlocutor desconhecido ou que mereça grande consideração, ou porque o assunto exige tratamento formal. (2004, p.73 )

Através dessas palavras entendemos a importância da língua padrão, mas entendemos que é preciso mudar a forma de passar essa informação. Os professores têm que compreender a sociolinguística e o direito que as pessoas têm de falar de acordo com o meio em que convivem, pois cada local tem seus costumes e cultura a ser preservado, principalmente na linguagem da sociedade que demonstra a identidade do povo, portanto a língua portuguesa não se torna complicada para nós brasileiros, pois ela também está em nossas raízes, desde que conscientizemos em modificar o ensino da gramática. BAGNO (2004) defende a importância do respeito em sala de aula, veja a seguir:

...os alunos que chegam à escola falando “nós chegamu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ser valorizado as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas tem o direito inalienável de aprender as variantes de prestígio dessas expressões. Não lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social. MARCOS BAGNO (2004, p.15 )

Um exemplo vivo de preconceito linguístico são os programas de televisão, que usam as diferenças linguísticas para fazer piada, como nas novelas que o núcleo cômico sempre fala de forma considerada “errada” um exemplo disso são os personagens nordestinos e do meio rural que são representados como tipo grotesco, atrasado, normalmente pobre, que só provoca riso e deboche. E ainda as pessoas que reside em bairros pobres, são retratadas na televisão como sendo pobre e não sabe falar português corretamente. Nesse sentido Bagno (2004) fala que é um mito, dizer que “As pessoas sem instrução falam tudo errado” para o autor “Trata-se de um preconceito linguístico, que vem acompanhado de um social, de que as

peças de menor aquisição não sabem falar o português, não importa o quanto letrado ele é, mas o fato de ser pobre vai fazer com que as peças olhem como se ele de nada soubesse”. (p. 17).

A língua que essas peças falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, Porém a maneira de falar é apenas diferente da ensinada na escola. A língua vai muito além do que é escrito no dicionário, ela é flexível, portanto a língua falada é diferente da escrita. Atualmente existe uma luta imensa para abolir os mais diversos tipos de preconceito, porém preconceito linguístico continua desconhecido fora dos círculos acadêmicos, e ainda é estimulado pelos meios de comunicação em massa, como rádio e TV, é preciso que a população se conscientize da existência do mesmo.

Nas escolas professores continuam alimentando o preconceito linguístico, pois ao invés de apenas mostrar ao aluno que existem muitas manifestações linguísticas, e que a maneira de falar depende do contexto, os mesmos mostram apenas que a maneira de falar está errada, porém sabemos que isso é errado.

... ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização [...]. Bagno (2009, p. 149)

Partindo das colocações de Bagno (2009), inferimos que quando se fala de oralidade não existe erro, pois só existem regras de variedade linguísticas representadas. Bagno ainda afirma que

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é invisível, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele [...] Pouquíssimas peças reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá a sua gravidade como um sério problema social. E quando não se reconhece sequer a existência de um problema, nada se faz para resolvê-lo. (2009, p. 24)

A colocação do autor nos mostra que a escola deve esclarecer o aluno quanto a diversidade linguística e também sobre o preconceito que existe no

nosso meio. Bagno diz ainda que é necessário que haja “um movimento de combate ao preconceito linguístico em prol da educação de língua materna como mais democrática e coerente com a sociedade que a articula” (p. 24).

Outro autor que também reconhece o preconceito linguístico é Werneck, que mostra:

O cuidado ao lidar com essas pessoas que têm saberes e produzem cultura, embora se expressem de modo pouco familiarizado com a gramática de nossa língua, deve ser estimulado. Não há justificativa para transformar a linguagem popular em chacota e risos porque seria um desrespeito às pessoas que não tiveram oportunidades para aprender bem. WERNECK (2010, p.13),

Na cidade de Cavalcante GO, a grande maioria das pessoas residem na zona rural, e cada região tem seu modo de falar, existem palavras que não conhecemos e outras que tem pronuncia diferente das que estamos acostumados. A maneira de falar dessas pessoas não seguem as normas ditas corretas, porém o objetivo da fala é atingido, ou seja, a comunicação é estabelecida entre locutor e interlocutor.

A diversidade linguística pode ser compreendida como um conjunto de mudanças constituídas pela evolução da língua, a variação é também descrita como um fenômeno pelo qual, na prática corrente de um dado grupo social, em dada época e em dado lugar, uma língua nunca é idêntica ao que ela é em outra época e outro lugar, na prática de outro grupo social, a diversidade refere-se à abundância de coisas diferentes, à variedade e à diferença. As culturas encontram na língua o seu principal veículo de expressão; quando uma língua deixa de existir, a cultura em questão corre o risco de ter o mesmo destino, o desaparecimento da língua implica uma perda importantíssima e irrecuperável de conhecimentos: por isso, a diversidade linguística é igualmente relevante. Mas essa diversidade é motivo de discriminação, as pessoas são julgadas pela forma que falam.

## 2. METODOLOGIA DA PESQUISA

As formas de obtenção dos dados serão através de questionário que serão aplicados em 10 alunos do ensino médio do colégio Estadual Elias Jorge Cheim. A escolha de tal técnica de coleta de dados se deu pelo motivo de estarmos bem próximos a essa realidade escolar e sabermos que esses meios nos forneceram os elementos necessários para o verdadeiro conhecimento do preconceito linguístico em sala de aula.

Utilizaremos a pesquisa qualitativa, pois ela coloca o pesquisador como o instrumento chave e o local da pesquisa é a fonte direta dos dados e ainda de acordo com Godoy (1995 B) não requer o uso de técnicas e métodos estatísticos, tem caráter descritivo, o resultado não é o foco da abordagem, mas sim o processo e seu significado, ou seja, o principal objetivo é a interpretação do fenômeno objeto de estudo.

Liebscher (1998 p. 671) nos diz que a abordagem qualitativa é viável quando o fenômeno em estudo é complexo, de natureza social e de difícil quantificação. Nesse sentido inferimos que o pesquisador deve ser um bom observador e saber analisar e registrar as contribuições dos sujeitos da pesquisa.

Para SILVA & MENEZES (2005, p. 20) dentro da pesquisa qualitativa há uma interação dinâmica “entre o mundo real e o sujeito, isto é um vínculo indissociável do mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em números”, nesse sentido MINAYO (1994) também diz que o intuito do pesquisador não é ter números e sim qualidade, obter informações que dê a dimensão real do problema.

Para GODOY (1995a, p.62) algumas características de identificação de pesquisa qualitativa:

(1) o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental;

(2) o caráter descritivo;

(3) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador;

(4) enfoque indutivo

### **3. O TRATAMENTO DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO**

O tratamento dos dados coletados será qualitativo, onde o pesquisador é o instrumento chave e o local da pesquisa é a fonte direta dos dados e ainda de acordo com Godoy (1995 B) não requer o uso de técnicas e métodos estatísticos, tem caráter descritivo, o resultado não é o foco da abordagem, mas sim o processo e seu significado, ou seja, o principal objetivo é a interpretação do fenômeno objeto de estudo.

Liebscher (1998 p. 671) nos diz que a abordagem qualitativa é viável quando o fenômeno em estudo é complexo, de natureza social e de difícil quantificação. Nesse sentido inferimos que o pesquisador deve ser um bom observador e saber analisar e registrar as contribuições dos sujeitos da pesquisa.

Nossa pesquisa tinha por objetivo compreender se os alunos entrevistados do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim já sofreram preconceito linguístico na escola e qual a solução apontam para o problema dentro das mediações escolares. As características que atribui a essa classificação qualitativa são aquelas indicadas por GODOY (1995a, p.62) que são: I- o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; II- o caráter descritivo; III- o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; IV- enfoque indutivo.

#### **3.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA**

Com relação ao preconceito linguístico realizamos uma pesquisa no Colégio Estadual Elias Jorge Cheim, onde nosso objetivo era compreender se os alunos pesquisados já sofreram preconceito linguístico na escola e qual a solução apontam para o problema dentro das mediações escolares. Para isso elaboramos um questionário com as seguintes perguntas: I- Você já foi discriminado pelo seu modo de falar? Onde? E como se sentiu? II- Você acha

que os professores incentivam a discriminação ao corrigir um aluno, dizendo que a forma que ele fala não é correta? III- Em sua opinião o que poderia ser mudado para que haja uma conscientização que não há erro e sim variação, que esse erro só pode ser adotado na escrita? IV- Na sua turma já aconteceu algum episódio de discriminação, por causa da fala?

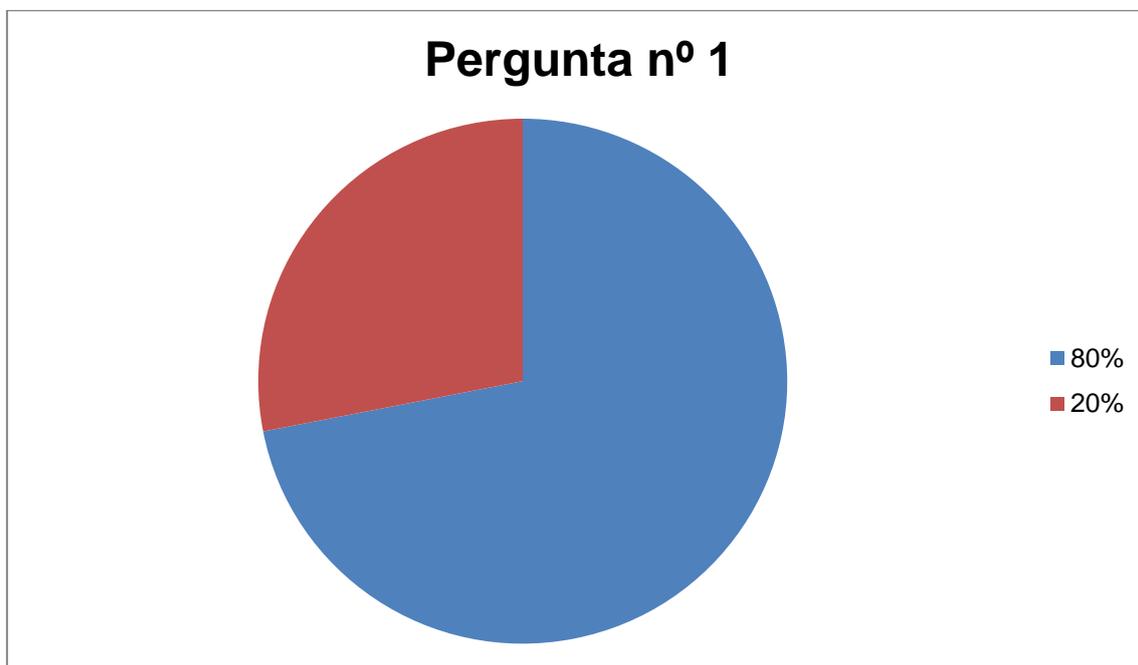
Foram entrevistados 10 (dez) alunos do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim, ambos do ensino médio. As respostas e perguntas foram distribuídas nas seguintes categorias:

<b>Categorias</b>	<b>Origem</b>	<b>Perguntas referentes à categoria (discente)</b>
<b>Prática do preconceito linguístico</b>	Conhecer a dimensão do preconceito linguístico na escola nos dias atuais	I- Você já foi discriminado pelo seu modo de falar? Onde? E como se sentiu?  IV- Na sua turma já aconteceu algum episódio de discriminação, por causa da fala?
<b>Visão do aluno X postura do professor</b>	Conhecer a postura dos professores diante da variedade linguística dos alunos	II- Você acha que os professores incentivam a discriminação ao corrigir um aluno, dizendo que a forma que ele fala não é correta?
<b>Solução</b>	Diante do principal problema enfrentado qual a saída indicada pelos alunos.	III- Em sua opinião o que poderia ser mudado para que haja uma conscientização que não há erro e sim variação, que esse erro só pode ser adotado na escrita?

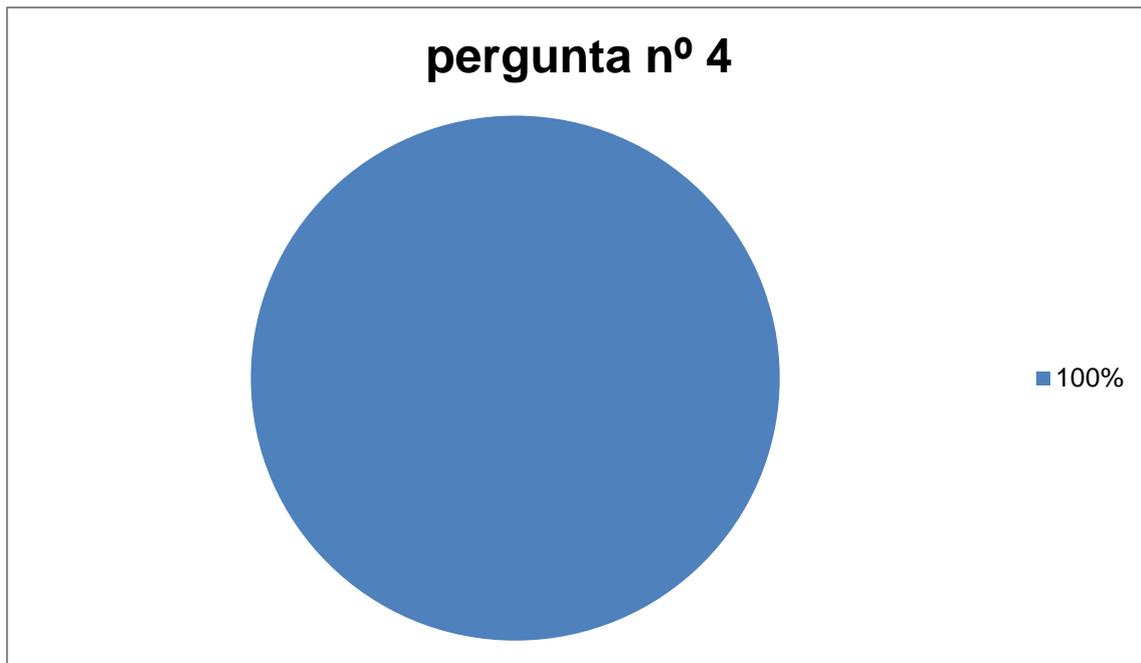
### **Categoria: Prática do preconceito linguístico**

A resposta que os alunos deram a primeira pergunta comprova que

30% nunca foram discriminados pelo seu modo de falar, 70% disseram que já sofreram na escola e se sentiram muito mal.

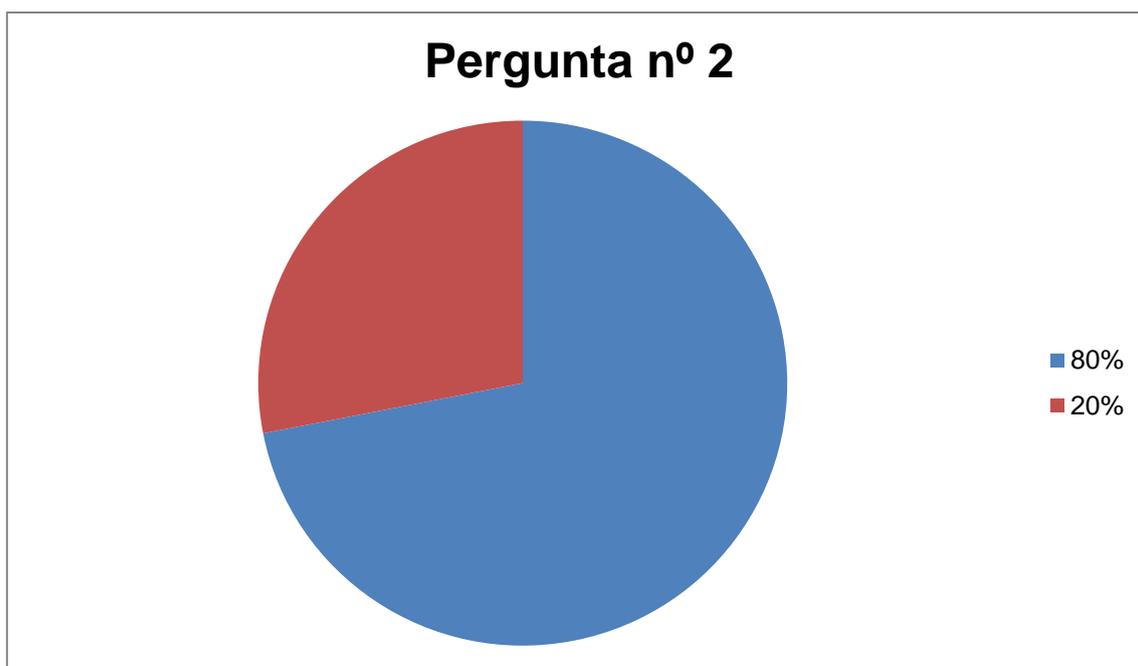


100% afirmam que já presenciaram discriminação na escola.



**Categoria: Visão do aluno X postura do professor**

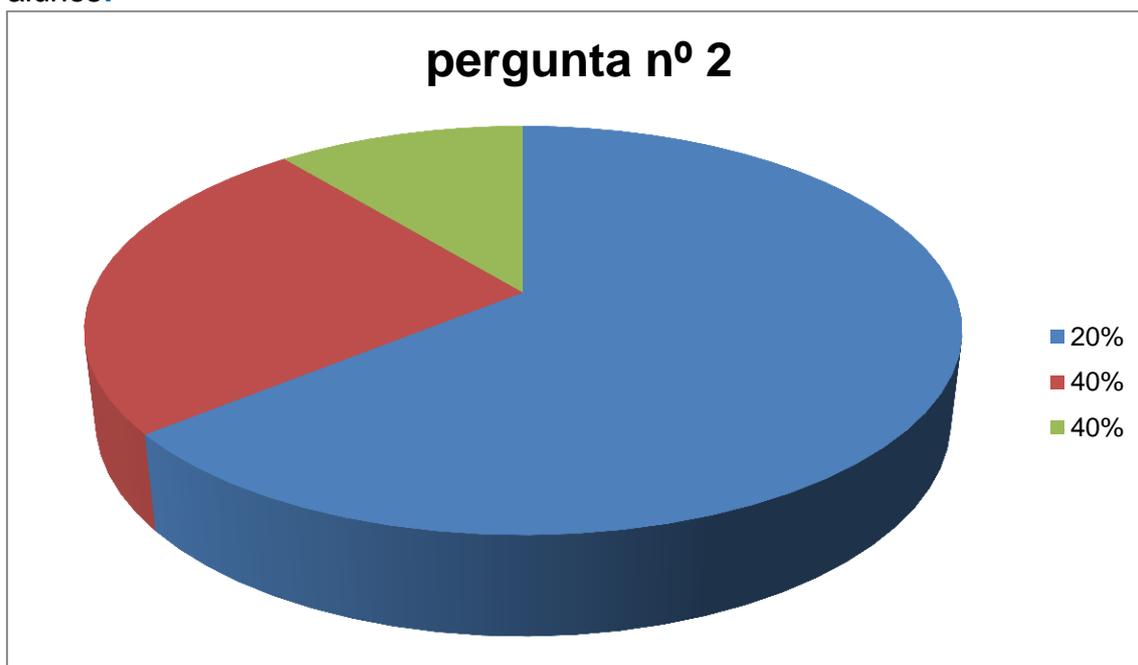
20% acreditam que sim e 80% acham que não, porém acham que os professores não devem corrigir a fala dos alunos no meio da sala.

**Categoria: Solução**

20% dizem que os professores devem para de corrigir os alunos na frente dos outros.

40% dizem que as pessoas precisam dizer não aos programas de TV que fazem da variedade linguística piada.

40% dizem que os professores precisam se conscientizar que não existe erro e sim a variação linguística para depois poder transmitir corretamente aos alunos.



As respostas dadas pelos alunos nos mostram que o preconceito linguístico está presente na escola, e que muitas vezes os professores são os agentes. Os alunos tem conhecimento do assunto e se sentem mal quando o seu jeito de falar é corrigido da frente dos colegas. Os alunos ainda apontam como solução a conscientização do docente quanto à diferença entre preconceito linguístico e variação linguística, entre oralidade e escrita.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve a finalidade fazer uma pesquisa bibliográfica sobre preconceito linguístico trazendo informações que possa ser utilizados em sala de aula, quebrando o preconceito existente, demonstrando que é possível ensinar o português respeitando a diversidade linguística.

Proporcionando uma educação consistente, que possa assegurar uma boa qualidade de vida e que possa garantir a liberdade de se expressar, formando pessoas capazes de respeitar a diferença de cada um, que se interagem em quaisquer situações impostas pelo cotidiano em sociedade, através das interações homem-homem e homem-meio sociais caracterizadas pelas diversas culturas e pelo conhecimento.

A experiência de mundo trazida pelo indivíduo faz parte da construção do conhecimento e das variedades que compõem o português do Brasil, privilegiando não apenas uma modalidade linguística, mas procurando a valorização da linguagem como um todo.

A norma culta é a língua ensinada na escola; entendemos a importância da língua padrão, mas é preciso mudar a forma de passar essa informação. Os professores tem que entender que cada indivíduo tem o direito de falar de acordo com o meio que convive.

Cada local tem os seus costumes e cultura a ser preservado, principalmente na linguagem que demonstra a identidade do povo. Percebemos assim, a importância de se trabalhar o preconceito linguístico na escola, a fim de proporcionar conhecimento aos discentes e docentes, e estes venham com o tempo compreender e valorizar as diversidades linguísticas do falante.

Os objetivos da pesquisa de campo foram alcançados, pois as respostas dos alunos nos mostram um retrato real do preconceito linguístico, que está presente na escola e é muitas vezes alimentado pelos próprios docentes que deveriam desfazer esse mau que causa dor e constrangimento, aqueles que por falta de oportunidade não frequentaram a escola e por isso tem seu modo de falar diferente.

## REFERÊNCIAS

- BORTONI RICARDO, Stella Maris, Educação em Língua Materna – “ A sociolinguística em Sala de Aula, parábola, São Paulo, 20006.
- Marcos Bagno, . Preconceito linguístico. São Paulo: Edições Loyola, 2002.  
<http://www.slideshare.net/vivalinguaviva/marcos-bagno-preconceitolingustico>
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2009.
- BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BAGNO, Marcos. Preconceito lingüístico. 49ª ed. São Paulo: Loyola, 1999. Disponível em < <http://docente.ifrn.edu.br/luizpimentel/disciplinas/Admin1V%20-%20Integrado/nada-na-lingua-e-por-acaso-marcos-bagno/view>> acesso em 20 de abril de 2013.
- FREIRE, Paulo, Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa: - São Paulo: Terra e paz, 1996 (coleção leitura).
- GODOY, A. S. A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas.  
 Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 4, p.65-71, jul./ago. 1995A.
- GODOY, A. S. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades.  
 Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Mar./Abr. 1995B
- LIEBSCHER, P. Quantity with quality? Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program. Library Trends, v. 46, n. 4, p. 668-680, 1998.
- HOHDEN, Huberto: Novos Rumos para a Educação: - São Paulo: Ed. et, 2005. Disponível em < <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI110515-17774,00-O+PRECONCEITO+LINGUISTICO+DEVERIA+SER+CRIME.html>> acesso em 18 de abril de 2013.

WERNECK, Hamilton. O professor, a linguagem e o aluno. Há um limite para o uso da linguagem coloquial em sala de aula; o exército do lecionar exige poderação e firmeza. In: **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, v4, n53, p13, maio, 2010. Disponível em: <<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/31/o-professor-a-linguagem-e-o-aluno-ha-um-225118-1.asp>>. Acesso em: 10 de julho de 2013

Anexos:

#### Perguntas de Pesquisa

- 1- Você já foi discriminado pelo seu modo de falar? Onde? E como se sentiu?
- 2- Você acha que os professores incentivam a discriminação ao corrigir um aluno, dizendo que a forma que ele fala não é correta?
- 3- Em sua opinião o que poderia ser mudado para que haja uma conscientização que não há erro e sim variação, que esse erro só pode ser adotado na escrita?
- 4- Na sua turma já aconteceu algum episódio de discriminação, por causa da fala?